



Manifesto PPRI

A guerra indo-paquistanesa é mais um elo na luta à morte entre o *imperialismo* e os *estados operários degenerados*

A continuação da guerra entre Índia e Paquistão alertam para o crescimento desenfreado das tendências bélicas mundiais. O conflito foi deflagrado pela Índia após acusar o Paquistão de estar por trás da organização e proteção dos jihadistas islâmicos na Caxemira (26/04), em Pahalgam, onde foram assassinados 26 hindus - além de um muçulmano e um cristão. A "Operação Sindoor" foi ativada para atacar "infraestruturas terroristas" no Paquistão. Como parte das hostilidades, a Índia suspendeu o "Tratado das Águas do Indo" (1960) que fornece até 77% d'água usada pelo Paquistão para agricultura e consumo humano. O Paquistão retaliou atacando posições e bases militares indianas.

Segundo o governo de Narendra Modi, a Índia está exercendo seu "direito à autodefesa" perante os ataques terroristas acobertados pelo vizinho país. Os ataques indianos sobre o território paquistanês foi um ato de guerra unilateral, mas é Modi quem está a acusar o Paquistão de "violar" o acordo de cessar-fogo vigente há mais de uma década por "apoiar" os terroristas que realizaram o atentado.

Não há qualquer prova do envolvimento do Paquistão no atentado. Inclusive, seu governo se propôs a participar junto da Índia em uma comissão de investigação com especialistas estrangeiros para determinar a origem e motivos do ataque terrorista. Mas, a Índia rejeitou qualquer envolvimento com o estado "agressor". Há quem dissesse que o governo índio deixou ocorrer

o atentado visando justificar sua política de completa colonização militar da região autônoma da Caxemira. Nesse sentido, foi um claro sintoma as declarações do embaixador de Israel na Índia de reivindicar o "direito à autodefesa" da Índia contra Paquistão (um aliado do Irã) por patrocinar o "terrorismo islâmico". Foi assim que os genocidas sionistas justificam a limpeza étnica e holocausto dos palestinos para tomar posse de suas terras e recursos. O governo indiano retomou essa retórica sionista ao afirmar que o 26 de abril é para o país, o que o "7 de outubro de 2023" (ataque de Hamas) é para Israel na luta contra o "terrorismo islâmico".

A presunção de uma operação de "falsa bandeira" (quando um país promove ou facilita uma operação ainda seja contra seus territórios para justificar seu intervencionismo em outro país) comparece cada vez mais nítida se se observa que na Caxemira há 700 mil soldados indianos que se encarregam de reprimir violentamente à população de maioria muçulmana. Tampouco se explica como um "grupo terrorista" chegou até Pahalgam e retornou ao Paquistão sem serem vistos apesar de ter percorrido ao redor de 200 km. É possível que a resposta indiana ao "ataque terrorista" esteja acobertando uma manobra urdida pelo imperialismo, que pretende utilizar seu aliado indiano como uma peça para combater a influência chinesa sobre o Paquistão e bloquear o "Cinturão e Rota da China" que atravessa Ásia pelo Paquistão. Era parte dessa iniciativa o Iraque,

a Síria e o Líbano.

Desde 1955 e em começos de 1990, a Índia foi uma aliada estratégica da URSS e apoiadora da luta palestina. Com o avanço das reformas econômicas exigidas pelo FMI, em 1990, abriu-se um caminho para o capital financeiro aprofundar seu controle da economia nacional. Mudanças que iriam se refletir na política exterior. Não obstante, continuam fortes os laços comerciais e militares com a Rússia. Esses servem à Índia para obter uma limitada margem de manobra perante o imperialismo e responder aos interesses da burguesia indiana atrelada ao comércio com a Rússia. Entretanto, os EUA estão decididos a que a Índia se separe cada vez mais da Rússia. Disso trata o acordo assinado entre Trump e Modi denominado "Grande Parceria de Defesa EUA-Índia no Século XXI", que aprofunda a cooperação militar e de venda de material bélico dos EUA. É parte do acordo a importação pela Índia de petróleo e gás dos EUA para "reduzir" o déficit comercial desse país e a construção do chamado "Corredor Econômico Índia-Oriente Médio-Europa" sob controle dos EUA, em oposição à Iniciativa Cinturão e Rota da China.

Recentemente, Trump assinou com o governo indiano um acordo para utilizar a Índia como território de um "corredor energético" de transporte de petróleo através de Israel e Itália, cuja viabilidade econômica e logística depende da China nunca concluir seu próprio projeto. Resulta evidente ainda que a queda de Al-Assad (Síria) por milícias pró-imperialismo

continua |>

listas e pró-sionistas, os contínuos ataques de Israel ao Hezbollah no Líbano e as tentativas de desestabilização do governo iraquiano dizem respeito ao mesmo objetivo: tomar sob seu controle os países árabes realizando golpes ou preparando guerras para destruir governo e países que se oponham a seus ditames se apoiando na China ou Rússia.

A Índia é ainda um membro importante para a estabilidade e expansão do BRICS. Mas, cada vez mais aprofunda seus laços e interesses econômicos com o imperialismo norte-americano. Isso permite a burguesia e governo indianos manobrar para arrancar concessões de ambos os lados. Entretanto, com o acirramento dos choques mundiais essa margem de manobra cede passagem a uma maior e mais ampla subordinação ao imperialismo. Submissão agravada pelo fato da Índia manter uma disputa histórica pelas fronteiras com a China, que é considerada uma “inimiga” por aquele país. Isso explica o apoio dos EUA ao belicismo do governo ultradireitista de Modi, servindo-se desse para realizar suas manobras e para dinamitar os esforços chineses e russo de ampliar sua influência e relações comerciais. Não foi por acaso que dias antes da “Operação Sindoor”, aviões de transporte militar dos EUA aterrissaram perto da Caxemira, o que indicou um claro apoio de Trump ao ataque da Índia. Realizando seus objetivos táticos na guerra indo-paquistanesa, os EUA apertarão ainda mais o cerco pelo sul da Rússia e da China.

O percurso oposto realizou o Paquistão. Durante décadas, permaneceu subordinado aos EUA, assinando inúmeros pactos militares da “Organização do Tratado do Sudeste Asiático” e “da Organização do Tratado Central com os Estados Unidos”. O Paquistão passou assim a servir aos EUA para sua política de “contenção” do “expansionismo comunista” que contava com apoio da Índia. Quando um partido reformista ganhou as eleições e assumiu o governo do país (1971/1977), foi depois derrubado por um golpe

de estado financiado e planejado pelos EUA. Durante esse percurso, a economia do Paquistão cresceu apoiada nas rendas extraídas do financiamento imperialista pelo seu apoio às milícias que lutavam contra a URSS, a China e seus aliados. Essa subordinação viria ser desmontada quando os EUA passaram a apoiar mais estreitamente a Índia, já em 1962. A China, com seus bilhões de dólares em ajuda e desenvolvimento em infraestrutura, passou ocupar o lugar de principal parceiro comercial do Paquistão após a guerra da China contra a Índia de 1962. Assim, em 2015, aderiu ao “Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC)” e, posteriormente, ao projeto do “Cinturão e Rota da China” que cria uma infraestrutura logística e de transportes para abastecer 140 países com produtos e bens da China, o que enriquecerá o Paquistão que se verá como intermediário das trocas e do transporte. É também graças ao Paquistão que a China tem acesso ao Oceano Índico, além de que sua fronteira com Irã cria uma “zona tampão” contra o avanço imperialista para cercar a China pela Ásia, e isola a Índia geograficamente.

Após dias de intercâmbio de ataques, Trump anunciou que Índia e Paquistão acertaram um acordo de cessar-fogo graças à mediação dos EUA. O republicano precisava de uma pausa para poder negociar com o Irã sobre seus planos nucleares, de um lado; e negociar com a Arábia Saudita sua inclusão nos “Acordos de Abrahão” que reatarão as relações diplomáticas entre esse país e Israel, de outro. Nesta segunda-feira, foi aprovada a redução de tarifas comerciais em até 10% entre os EUA e a China.

Apesar do cessar-fogo, as hostilidades continuam. É provável que um novo impulso à guerra seja dado pelos EUA dependendo do curso das negociações e dos acordos comerciais. Em meio da guerra entre as duas nações, fica presa a população da Caxemira. Essa região foi unilateralmente dividida pela Inglaterra após reconhecer a independência nacional do Paquistão e Índia, em 1947. 30% ficou sob

controle paquistanês, 50% sob controle indiano e 20% sob controle chinês. A população, que é majoritariamente muçulmana, nunca obteve o direito à autodeterminação, o que incluía fundamentalmente o direito a se reconhecer como parte integrante do país ao qual estava atada sua cultura, religião e idioma. A participação da região colocou ainda sob controle indiano os afluentes d’água da bacia do Indo. O Paquistão precisa “importar” da Caxemira ocupada pela Índia 77% dos recursos hídricos da bacia do rio Indo para irrigar 90% da produção agrícola de arroz e trigo (25% de suas exportações).

A autodeterminação nacional da Caxemira e seu direito a se unir a qualquer nação pela livre escolha de seus habitantes será definitivamente perdida, caso a guerra continue seu curso de escalada. Pagará com sua opressão colonial caso o proletariado indiano e paquistanês não imponha o fim da guerra e abra caminho à revolução proletária. Sobretudo, depende do proletariado indiano impor a seu governo a retirada completa e incondicional das tropas indianas da Caxemira, garantindo sua liberdade a decidir sobre seus próprios destinos nacionais. Sobretudo, cabe à vanguarda com consciência de classe e forjada no marxismo esclarecer que na guerra espelham-se e refletem-se os choques entre as nações imperialistas, opressoras dos povos, e os estados operários degenerados, onde persiste a economia nacionalizada pelas revoluções, conquistas da classe operária mundial em luta contra a burguesia. A derrota da nação subordinada ao imperialismo é o mal menor na guerra fratricida entre nações semicoloniais. Enquanto a vitória da nação apoiada por um estado operário degenerado significa o enfraquecimento do imperialismo, o que prepara melhores condições para a luta revolucionária na Índia, no Paquistão e também nos países imperialistas ao colocar a alternativa da luta pelo socialismo, ou ver-se afundar à humanidade na mais absoluta barbárie que decorre do belicismo imperialista. ■ ■ ■